ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO COM A COMUNIDADE

Júlia Lopes Zanette[1]; Camila Citadin Milaneze[2]; Janine Moreira[3]; Gladir da Silva Cabral[4], Leandro de Bona Dias[5]

[1] Acadêmica de Letras da UNESC, Criciúma, SC, Brasil, juzanette14.lz@gmail.com
[2] Acadêmica de Pedagogia da UNESC, ccmilaneze@gmail.com
[3] Professora e pesquisadora do PPGE da UNESC, jmo@unesc.net
[4] Professor e pesquisador do PPGE da UNESC, gla@unesc.net
[5] Professor e pesquisador do curso de Letras da UNESC, debonaletras@unesc.net

Introdução

Segundo Paulo Freire, o aprendizado da leitura e da escrita não está separado da história e da experiência de vida dos sujeitos, bem como de suas relações sociais. Por isso, sua tese fundante é a que estabelece que a leitura do mundo precede a leitura da palavra escrita. Ou seja, a leitura do mundo não surge como consequência da alfabetização, mas ao contrário, é essa leitura do sujeito que toma consciência de seu lugar no mundo que possibilita e implementa a leitura da palavra escrita.

Assim, o ato de ler "não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele" (Freire, 1985, p. 11-12). Nesse sentido, o autor afirma que a educação é um ato político. Por isso, a alfabetização de pessoas não é um exercício anódino e neutro, uma vez que, segundo Freire, nenhuma pessoa é vazia de conhecimento e inteligência e a alfabetização é, portanto, uma via de mão dupla, constituindo-se num processo dialógico. Na experiência de alfabetização de adultos do autor, os círculos de cultura representam essa circularidade dos saberes entre educandos e educadores.

Dentro desse processo de alfabetização a escrita é ensinada a partir de palavras geradoras que são tiradas do mundo dos educandos, para que dali possam, em conjunto, ler a palavra e voltar a reler o mundo. Este é o movimento perene do ato educativo que entende o ser humano e o mundo como inacabados (Freire, 1988; 2015).

Este projeto de extensão, portanto, tem como objetivo geral promover a alfabetização de adultos a partir do círculo de cultura freireano, com ênfase na dialogicidade e na busca pela emancipação das pessoas envolvidas. Seus objetivos específicos são: implementar os círculos de cultura nas comunidades; oportunizar espaços de diálogo e troca de saberes entre os participantes; contribuir para o processo de aprendizagem de leitura e escrita para a emancipação dos participantes e fomentar a pesquisa e a extensão sobre práticas de educação popular.

Metodologia

O projeto é realizado todas as quintas-feiras, com duração de duas horas, no Centro Comunitário do Bairro Santa Luzia, na cidade de Criciúma/SC, e possui parceria com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) deste bairro.

O método no qual se baseia é a pedagogia de Paulo Freire, tendo com foco a alfabetização de adultos por meio de atividades voltadas ao âmbito dos saberes cotidianos, fazendo com que o processo de aprendizagem seja significativo para o público-alvo do projeto na busca pela ressignificação da leitura de mundo a partir da metodologia do círculo de cultura.

Resultados e discussão

O grupo iniciou a partir de diálogos feitos com o CRAS do Bairro Santa Luzia, cuja coordenação percebeu a alienação, no sentido de não conhecimento de direitos das pessoas usuárias do local, o que a fez buscar parceria com a comunidade universitária para a viabilização da alfabetização, circunscrita à educação popular, a fim de proporcionar a emancipação das pessoas atendidas na instituição. Assim, a necessidade do aprendizado da leitura e escrita dos usuários do serviço transformou esse projeto possível a partir da parceria da universidade com o CRAS, o qual utiliza seus canais de comunicação para informar a comunidade sobre o projeto, por meio de cartazes e também digitalmente. Além disso, percebeu-se a necessidade de que a divulgação ocorresse também por meio de áudios para que chegasse às pessoas que ainda não tinham o domínio da leitura.

O público-alvo atendido abrange toda comunidade do CRAS, sendo pessoas a partir de 18 anos, de qualquer gênero. As pessoas participantes que foram aderindo ao projeto constituíam-se, em sua maioria, de pessoas idosas e mulheres. A adesão ao grupo deu-se de forma orgânica, sem critérios prévios de conhecimento de leitura e escrita, o que resultou em um grupo composto por pessoas com algum conhecimento de escrita e leitura e outras sem conhecimento do alfabeto, por exemplo. O grupo não é fixo, no entanto, 8 mulheres se mantêm regulares em sua frequência.

Durante os encontros, desenvolvemos as palavras geradoras com o grupo, processo que nos possibilitou conhecer as pessoas envolvidas e compreender suas realidades. A partir do diálogo com as participantes, introduzimos o alfabeto, as vogais e as consoantes. Com o decorrer dos encontros compreendemos o que cada uma já tinha de conhecimento em leitura e escrita para irmos aprimorando as práticas pedagógicas com o grupo. Materiais impressos serviram de apoio às práticas de escrita e leitura. Nesse ínterim, uma das participantes que possuía uma prévia alfabetização, diferentemente das demais, nos sinalizou alguns impasses no nosso processo pedagógico de ensino, uma vez que ele se diferenciava dos métodos que ela havia conhecido na escola. Isso nos motivou a voltarmos à teoria e buscarmos apoio na história de Angicos (RN), a experiência que Freire desenvolveu em 1963, na qual uma equipe alfabetizou cerca de 300 trabalhadores rurais em 40 horas, e acabou sendo um marco da alfabetização de adultos desde a pedagogia libertadora. A partir disso, e da leitura do livro *Educação como prática da liberdade*, de Paulo Freire, buscamos dialogar com as participantes, demonstrando que havia uma metodologia diferente da que se aplicava em escolas convencionais. O estranhamento sentido pelas participantes em relação ao método de diálogo e respeito aos saberes da comunidade pôde ser compreendido por nós como um sintoma da ruptura no imaginário daquelas mulheres que haviam experienciado o sistema de educação formal de educação em décadas passadas. Esse episódio, portanto, reafirmou a existência e a possível vivência da educação bancária e autoritária na experiência escolar pela qual essas pessoas haviam passado.

A partir disso, também buscamos, em outros momentos, o apoio de pedagogas alfabetizadoras para que pudéssemos implementar metodologias diversificadas para

ampliarmos nossa prática. Essa busca por mais conhecimento no âmbito pedagógico se deu em decorrência dos diálogos que mantemos ao final das aulas sobre o processo de aprendizagem com as mulheres participantes. Em alguns encontros a presença de receitas de comidas era muito presente. As trocas de chás, doces, bolos e outros tipos de alimentos enriqueciam os diálogos e os saberes e tornavam-se palavras geradoras, a partir das quais trabalhávamos as sílabas, as vogais, a escrita, a leitura, sempre a partir da vivência de mundo delas. Nossos encontros permeavam as vivências cotidianas e as palavras trazidas por elas abriam possibilidade para a reflexão, como, por exemplo, a palavra "solidariedade", que ao ser pronunciada e significada pelo grupo foi associada ao papel do CRAS como dispositivo de ajuda à população e, além disso, como local de acesso a direitos e não apenas como um espaço de caridade, o que demonstra a importância da ressignificação dos saberes.

O início dos encontros é sempre marcado pelo diálogo sobre como passaram a semana e quais foram os acontecimentos. Em um deles tivemos o relato de uma senhora que trouxe a experiência de ter comprado um pacote de chá no mercado, mas quando chegou em sua casa percebeu que havia comprado equivocadamente o tipo de produto. Ao ler na embalagem a letra B seguida da letra O, que então formava BO, em conjunto com seus conhecimentos de nomes de chás, ela se deu conta que havia comprado chá de boldo, mas que queria ter comprado chá de hortelã. Mesmo acontecendo o engano ela se viu lendo a palavra a partir do reconhecimento de algumas letras.

Outro destaque do projeto é que no decorrer dos encontros também utilizamos da ludicidade como método pedagógico para a aprendizagem do alfabeto, das sílabas e das palavras. Uma das brincadeiras das quais as participantes mais gostaram foi o bingo que adaptamos para que elas pudessem reconhecer as sílabas. A atividade foi tão exitosa que para o encontro do final do semestre elas sugeriram uma festa de confraternização na qual a atividade do bingo se repetisse e, para contribuir, elas mesmas levaram brindes para que fossem sorteados. Esse fato reforça a importância da socialização, do fortalecimento dos vínculos e das redes de apoio que se formam nesses espaços de promoção de grupos.

Conclusões

A partir das reflexões feitas sobre os encontros já realizados, foi possível observar o sentido emancipador das dinâmicas propostas, que assumiram como ponto de partida a problematização da vida em torno das palavras tiradas do mundo cotidiano das participantes, assumindo assim a ideia de práxis – a reflexão-ação-reflexão – dos círculos. Além disso, verificou-se a importância de espaços como o CRAS como locais em que se pode oportunizar a socialização entre pessoas em torno das palavras escritas, que começam a ser aprendidas.

Outro elemento a ser destacado é o fato de que a prática pedagógica construída com bases freireanas na ruptura com o modelo bancário de educação mostrou-se desafiadora tanto às educandas quanto às educadoras. Para seguimento deste projeto, almejamos ocupar mais espaços sociais, ou outros dispositivos do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), ou mesmo outros locais que possam acolher essa ideia para que possamos prosseguir atuando a partir das bases teórico-práticas que promovam um ensino de leitura e escrita de forma crítica a partir das ideias propostas por Freire em seus círculos de cultura.

Palavras-chave: Círculo de Cultura; Emancipação; Diálogo; Letramento.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em Três Artigos que se Completam. 11. ed. São Paulo: Cortez, 1985.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.